

SuMÁRIO

Capítulo UM	9
Capítulo DOIS	12
Capítulo TRÊS	15
Capítulo QUATRO	20
Capítulo CINCO	22
Capítulo SEIS	28
Capítulo SETE	31
Capítulo OITO	32
Capítulo NOVE	35
Capítulo DEZ	37
Capítulo ONZE	45
Capítulo DOZE	47
Capítulo TREZE	58
Capítulo QUATORZE	61
Capítulo QUINZE	64

Capítulo NINE SEIS



Capítulo TRES

Capítulo QUATRO

Capítulo CINCO

Capítulo

Capítulo DEZ

Capítulo DEZ

Capítulo VI

Capítulo DEZESSEIS	71
Capítulo DEZESSETE	79
Capítulo DEZOITO	81
Capítulo DEZENOVE	93
Capítulo VINTE	99
Capítulo VINTE E UM	104
Capítulo VINTE E DOIS	109
Capítulo VINTE E TRÊS	112
Capítulo VINTE E QUATRO	115
Capítulo VINTE E CINCO	119
Capítulo VINTE E SEIS	124
Capítulo VINTE E SETE	132
Capítulo VINTE E OITO	137
Capítulo VINTE E NOVE	141



ETL
OITO

O SETE

SEIS

CINCO

QUATRO

TRÊS



UM

– Esta vida não tem graça nenhuma.

Dona Mercedes tem repetido muito essa frase nos últimos tempos. Embora sua existência seja razoavelmente boa, tem motivos para estar tão desencantada.

Há tempos, uns vinte anos, que veio da Argentina com o marido, Raul, e com os dois filhos mais velhos. Raquel, a caçula, nasceu no Brasil, um pouco antes do grande desastre se abater sobre a família.

Os primeiros anos foram bem difíceis. Chegar a um país diferente, outra língua, outros costumes... Raul ficou sabendo que um parente havia se dado bem em terras brasileiras, então o casal decidiu que era hora de buscar uma vida mais tranquila economicamente. Vieram atrás do primo Laerte.

Nicolas e Pablo eram muito jovens, com 4 anos de diferença de idade, estavam nos primeiros anos escolares e também sofreram com a nova realidade.

A cidade era encantadora. Ficava em um vale cercado de montanhas verdejantes e as ruas eram cheias de árvores antigas que cobriam de sombra as casas e as calçadas. O centro possuía alguns prédios comerciais e de moradia, uma praça, em frente à Igreja Matriz, e uma única fábrica, voltada à produção de derivados da apicultura, que empregava a maior parte da população. Enfim, um lugar bonito e bom para se viver.

Dona Mercedes era um tanto protetora demais, mas, à medida que o tempo passou, os filhos foram criando asas e cuidando de suas próprias vidas. Acabaram deixando a mãe de lado. Com a justificativa de continuar os estudos, rumaram para a capital. As visitas rarearam. O telefone substituiu o contato dos abraços e, não fosse pelo aparelho, não saberia nada dos filhos.

O apartamento foi ficando muito grande para a velha senhora, que tentava disfarçar a tristeza da solidão espalhando móveis coloridos pela casa. Sua única alegria era visitar o túmulo do Raul, seu marido, que ficava no Cemitério Municipal Luz das Almas. Uma vez por semana limpava, colocava flores naturais, acendia velas e conversava com o saudoso companheiro que a deixou tão cedo.

Tantas visitas naqueles anos todos a tornaram conhecida de outras viúvas e parentes que, longe da frequência de Dona Mercedes, por ali passavam para amenizar saudades. Isso testemunhavam Seu Anacleto e Dona Márcia, o casal de zeladores que vivia em um apartamento colado à Capela Mortuária.

Muitos poderiam imaginar que o trabalho deles era um grande sacrifício. Que nada! Viviam muito felizes cuidando daquele espaço tão importante para alguns.

– Tenho medo é dos vivos! – brincava Seu Anacleto com um sorriso caloroso.

– No começo, até que tinha um pouco de medo – arrematava a esposa do zelador –, mas acostumei!



DOIS

Roberta acordou um pouco antes de o despertador tocar. Aliás, este era um problema que não tinha: acordar cedo. Embora trabalhasse à tarde, programava várias atividades para aproveitar bem as manhãs. O fato de pular cedo da cama também não atrapalhava o desempenho na escola. Já fazia dois anos que optara por estudar à noite; dessa forma, tinha mais tempo para dedicar-se ao estágio que era a grande paixão da sua vida: o jornalismo.

Ao olhar-se no espelho do banheiro, enquanto escovava os dentes, a garota não pôde deixar de perceber as fundas olheiras, sinais evidentes das poucas horas de sono.

– Estou parecendo uma panda – resmungou entredentes, enquanto aplicava um corretivo em volta dos olhos.

Depois da leve maquiagem, deu uma última mirada na sua imagem refletida e pensou que seria muito bom se conseguisse apagar a dor que ia por dentro do peito.

Voltando da toalete, constatou que Mustafá já arranhava a porta e emitia miados curtos, sinal de que queria sair do quarto. Deu passagem ao grande gato de pelo cinzento e, depois de vestir-se com seus tradicionais jeans, tênis e camiseta – confortáveis e práticos – e de colocar na bolsa *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, saiu para tomar o café que Dora, pelo cheiro que vinha do corredor, já havia colocado na mesa.

A mãe lia o jornal sentada na cabeceira da enorme mesa retangular. Da janela do apartamento, podia-se ver que Vale Santo também acordava e que o dia seria ensolarado. Dona Berenice levantou os olhos do periódico e quebrou o silêncio:

– E então, dormiu bem?

Sem vontade de responder, apenas fez um movimento de ombros que não dava para distinguir bem qual resposta queria dar, mas que a mãe entendeu como: mais ou menos.

– Você vai ficar em casa hoje?

– Não. Vou para o Jornal mais cedo hoje.

– Vestida assim?

– Mãe, vou todos os dias assim...

– Não consigo acostumar...

Dona Berenice continuou a olhar para a filha com ar de reprovação. As duas até que eram bem parecidas. O mesmo cabelo cor de fogo e certa obstinação no olhar. Como a garota não falou mais nada, a mãe continuou:

– Viu só as fotos do casamento da Cidinha Passos? Um luxo. Aqui diz: “O magnífico banquete foi criado pelo renomado *chef* Alberto Alvarenga. Os convidados foram intimados a comparecerem de preto para não ofuscarem a pureza do vestido branco, assinado pela virtuose Flora Thomé.” Será que esqueceram de nos enviar o convite? Pode ter se perdido ao chegar aqui em casa. Preciso ver isso com Dora.

Roberta não disse nada. Já havia cansado dessa temática de discussão. Os convites para a vida social de Vale Santo acabaram desde o dia em que correu à boca pequena a notícia de que os pais estavam separados. Embora ninguém na cidade tocasse no assunto, no fundo todo mundo sabia que eles não viviam mais juntos. Dona Berenice até que tentava reunir as antigas amigas, mas sua condição de divorciada era inaceitável às famílias de bem da cidade. Assim, ao ficar viúva, encontrou refúgio nas obras assistenciais do Country Club.

Depois do café, Roberta afagou a cabeça de Mustafá, que já havia se acomodado em cima da almofada